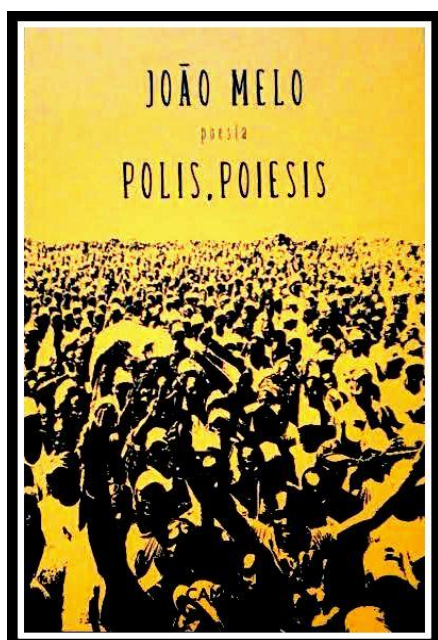


## ***Polis. Poiesis, de João Melo***

Ana T. Rocha

Na passada quinta-feira (24 nov.), foi lançado em Lisboa, na Livraria Buchholz, o mais recente livro de João Melo, intitulado *Polis. Poiesis*. Dado à estampa pela Editorial Caminho, o livro de poesia inclui um “Posfácio” de Mário Lugarinho (Universidade de São Paulo, Brasil). De acordo com o que nos explica o editor, numa pequena nota introdutória, este volume surge da vontade do autor de selecionar os seus textos e organizá-los, seguindo um critério temático, em cinco volumes - (*Auto-Retrato, Amor, Cântico da Terra e dos Homens, Polis. Poiesis e Exercícios & Linguagens*) -, “numa espécie de pré-balanço da sua poesia” (p. 8).



Em *Polis. Poiesis* encontramos um “sujeito lírico” que é a voz da memória (em poemas como, “E de repente”, “1.<sup>a</sup> canção para Luanda depois da vitória” e “Caminhada”), mas que é também o ocioso observador e tenso crítico do presente, que pensa e vaticina um futuro, como se verifica, com especial ênfase, no forte poema “Africambi”.

Nos poemas por ele selecionados, João Melo evidencia os seus afetos ideológicos e poéticos, ou ambos em simultâneo. Por entre referências a nomes como Brecht, Maiakovski, Neruda e Paul Eluárd, também encontramos um diálogo com a literatura nacional, nomeadamente com os poetas David Mestre e Agostinho Neto. O primeiro poema, intitulado “O poeta deve (revisto)”, parece ser um contra-argumento dirigido ao poema “Arte poética”, de David Mestre. Além da evidência fornecida pelo subtítulo do poema (“Réplica a D. M.”) e do próprio estilo, caro a David Mestre, do verso curtíssimo e conseqüente ritmo; os versos que reivindicam o poeta como o “ativista/ deste/ movimento/ dirigindo/ o vento/ pelo futuro/ adentro/ fogo lento/ ardendo/ debaixo/ da terra/ fabricando/ o sol/ de amanhã” (p.11-12), afiguram-se-nos como uma resposta aos versos de Mestre: “Pousa o tempo/ sobre os ombros/ e (d)escreve/ apenas/ erosões/ dum rasto/ de Sol/ na pedra lisa”. Quanto à presença de Agostinho Neto, esta manifesta-se,

sobretudo, no poema “Estes Homens (Revisto)”, que lembra o poema netiano “Sábado nos musseques”.

O “1.º poema para Kamaxilu (Contribuição para a definição de herói)”, dedicado ao seu pai, e o poema “Depois da morte do Massala (Fragmentos)”, revelam outros afetos e compromissos enquanto motivos poéticos do autor, além do motivo mor que é, claro, a própria *Polis*.